

A paisagem urbana de Pombal - dinâmica geográfica, representações simbólicas e apropriações ideológicas¹

João Luís J. Fernandes

Departamento de Geografia da Universidade de Coimbra e CEGOT

Resumo:

As paisagens, uma síntese entre elementos patrimoniais tradicionais e inovadores que vão deixando marca no espaço geográfico, constituem importantes objetos de análise. Geossímbolos como algumas edificações, a toponímia, a estatuária ou outros elementos espaciais de celebração constroem paisagens nem sempre consensuais e, porque reflectem relações de poder, são territórios em muitos casos contestados. Embora seja uma cidade de baixa densidade e escassa polarização, Pombal é um complexo nem sempre bem articulado de elementos patrimoniais, de geossímbolos que expressam narrativas locais contíguos aos que afirmam outras escalas. O enquadramento rural, os ciclos de emigração e de industrialização e a mais recente e ténue deriva pós-moderna, quase sempre de celebração e nostalgia do passado, acrescentaram heterogeneidade patrimonial a este espaço urbano.

Palavras- chave: Paisagem urbana. Espaço Público. Geossímbolos. Apropriação Ideológica.

Résumé:

Le paysage urbaine de Pombal - dynamique géographique, représentations symboliques et appropriation idéologique

Les paysages sont une synthèse entre les éléments du patrimoine traditionnel et les éléments novateurs. Symboles comme certains bâtiments, la toponymie, la statuaire ou d'autres objets spatiaux de célébration, créent des paysages conflictuelles pas toujours consensuelles, car ils reflètent les relations de pouvoir. Pombal est une ville de basse densité et centralité. Néanmoins, son paysage est complexe et hybride, avec sujets locales et non locales. Le milieu rural, les cycles de migration et de l'industrialisation et la plus récente et ténue dérive post-moderne sont présents dans le paysage de la ville, un paysage hétérogène mais surtout nostalgique.

Mots-clés: Paysage Urbaine. Géosymboles. Appropriation Idéologique.

Abstract:

The urban landscape of Pombal - geographic dynamic, symbolic representations and ideological appropriations

Landscapes, a synthesis between traditional heritage and innovative elements, are important focus of cultural geography analysis. Because those landscapes reflect power relations, symbolic features such as some buildings, toponymy, the statuary and other spatial elements of celebration construct contested, disputed and not always consensual landscapes. Although it is a city of low density and sparse polarization, Pombal presents a complex hybrid, not always well articulated urban landscape showing local and non local narrative geographic symbols. That low density urban landscape represents heterogeneous elements such as the close rural environment, the historic cycles of migration, the industrialization dynamics and the most recent and tenuous postmodern drift. In spite of this diversity, Pombal is mainly a space of celebration and nostalgia for the past.

Key-words: Urban Landscape. Public Space. Geo Symbols. Ideological Appropriation.

¹ Este texto reflete, com algumas adaptações, a comunicação "Dinâmica geográfica e expressão territorial dos valores patrimoniais: o caso particular da paisagem urbana de Pombal", apresentada em 30 de Outubro de 2011, no 1º Congresso de História e Património da Alta Estremadura, organizado pelo CEPAE (Ourém).

Nota introdutória - a leitura geográfica das paisagens

Para Gaspar (2001: 84), "A paisagem (...) voltou a estar na agenda dos geógrafos", facto que se confirma no crescente número de autores, publicações e eventos científicos que, seguindo múltiplas abordagens teórico-metodológicas, se têm dedicado a este tema. Numa difícil sistematização, o renovado interesse pelo espaço geográfico analisado a partir da paisagem tem-se dispersado por duas perspectivas diferentes mas complementares. Por um lado, segundo Salgueiro (2001), seguem-se as correntes físico-ecológicas que vêm este objeto de estudo como um território material, mensurável e cartografável. Por outro, esta focalização tem sido acompanhada por uma abordagem fenomenológica mais humanista e cultural que, não se desenquadrando dos parâmetros de objetividade que devem sempre acompanhar a Geografia, se centram nas dimensões mais subjetivas da paisagem e no modo como esta é percebida, representada e apropriada sob o ponto de vista simbólico. Deste modo, a paisagem é um objeto representado e, ao mesmo tempo, uma expressão material de representações múltiplas. Esta focalização do espaço geográfico, seguida por Claval (1995, 1999, 2002 e 2007) mas também por autores como Cosgrove (1988 e 1998), Tuan (1980) ou Frémont (1980), não deixando de associar a paisagem à relação das comunidades com o meio físico-ecológico, consideram-na como uma "*herança intelectual e espiritual*" que reflete "*crenças e valores da sociedade*" e expressa "*sentimentos, valores e fantasias face ao ambiente*", daqui resultando um complexo territorial cuja leitura requer instrumentos de análise e descodificação (SALGUEIRO, 2001, p. 46). Não promovendo a desconstrução das bases tradicionais da Geografia nem a afastando do seu objeto de estudo, esta perspectiva acrescenta densidade aos olhares com os quais se devem focar o comportamento territorial e a arquitetura dos espaços geográficos. Mais que a percepção e a apropriação simbólica do espaço, importa compreender como estas subjetividades se traduzem em comportamentos e atitudes e, no limite, como se expressam e territorializam em padrões paisagísticos não compreensíveis na sua totalidade seguindo instrumentos de análise menos diversificados apenas vinculados a fatores como a organização económica do espaço geográfico. É neste sentido que, como refere Mitchell (2002), a paisagem pode também afirmar-se como um instrumento de poder, talvez não o mais decisivo mas de qualquer dos modos um importante fator de representação de valores e condicionamento de percepções e comportamentos, daí a ampla e generalizada intervenção simbólica dos regimes políticos sobre o espaço.

Sobretudo nas cidades, são referenciais de orientação atributos como a toponímia, a estatúária ou outros. Criando pontos de identificação, tornam a vida urbana mais funcional e regulada. Contudo, a transitividade destes elementos, muitas das vezes associada a ciclos de mudança dos regimes políticos, comprova que, para além desta perspectiva funcional, estes acessórios urbanos não estão destituídos de significado. Pelo contrário, são um registo material de circunstâncias e opções, contemporâneas ou pretéritas, que realçam múltiplos interesses. É por isso que a paisagem urbana contém um *city-text* que expressa momentos, personagens, histórias e contextos (PALONEN, 2008). Este quadro paisagístico regista acontecimentos e vidas relevantes e, nesse sentido, uma *memoryscape*, com frequência de expressão topobiográfica (GASPAR, 2001), criando uma nova geografia de pontos focais que, mesmo de noite, se iluminam para não desaparecerem na escuridão. A respeito da multidimensionalidade das paisagens urbanas europeias, sigam-se as palavras de Steiner (2007: 32):

"As ruas, as praças calcorreadas pelas mulheres, crianças e homens europeus são (...) designadas segundo estadistas, figuras militares, poetas, artistas, compositores, cientistas e filósofos. (...). A minha própria infância em Paris fez-me tomar, em inúmeras ocasiões, a Rua Lafontaine, a Place Victor Hugo, a Pont Henri IV, a Rue Théophile Gauthier. As ruas em torno da Sorbonne têm nomes de grandes mestres da escolástica medieval. Celebram Descartes e Auguste Comte. Se Racine tem a sua rua, também a têm Corneille, Molière, Boileau. O mesmo se aplica ao mundo germanófono, à miríade de Goetheplätze e Schillerstrassen, às praças que devem o seu nome a Mozart ou Beethoven. O menino da escola e os homens e mulheres urbanos da Europa habitam verdadeiras câmaras de ressonância de feitos históricos, intelectuais, artísticos e científicos (...). Cidades como Paris, Milão, Florença, Francoforte, Weimar, Viena, Praga ou S. Petersburgo são crónicas vivas. Ler as respectivas placas toponímicas é folhear um passado presente. (...) A Place Saint-Germain tornou-se Place Sartre-Beauvoir. Francoforte acabou de atribuir a uma praça a designação Adornoplatz. Em Londres, a prodigalidade de placas azuis identifica as residências nas quais (...) se pensa terem vivido cientistas (...), artistas e escritores medievais, renascentistas ou vitorianos (...). Os escudos afixados em tantas residências europeias não falam apenas de emi-

nência artística, literária, filosófica ou política: comemoram séculos de massacres e sofrimento, de ódio e sacrifício pessoal”.

Esta paisagem urbana vai tecendo narrativas, as ruas vão contando histórias, reavivando memórias, celebrando e comemorando, num exercício que não é ideologicamente neutro e constitui um instrumento de afirmação política, com mensagens nem sempre bem entendidas por serem, nalguns casos, anacrónicas e representarem mais o passado que o presente.

As correntes que olham para a exclusiva dimensão material do espaço e as que procuram nessa materialidade as respetivas expressões funcionais e simbólicas, são complementares e nada têm de contraditório. Na verdade, estas perspetivas remetem-nos para a paisagem como um produto em constante construção, um quadro quase sempre contestado de representações com elementos funcionais e simbólicos marcados pela localização geográfica e pelo contexto físico-ecológico mas também pelas relações de poder. Ainda segundo, Salgueiro (2001: 50), “(...) na geografia humana a paisagem enquanto representação e a paisagem enquanto extensão territorial acabam de facto por não se diferenciar pois todo o espaço geográfico é um produto social, uma espacialidade construída pela acção transformadora dos grupos sociais num processo contínuo que implica avaliação da realidade exterior e em que a retroacção mútua está permanentemente a ser feita”.

Por isso, a paisagem é um conceito dinâmico que depende de fatores como os suportes físicos que derivam da localização e condicionam a apropriação humana, como o clima, a geomorfologia, a posição numa linha de costa ou a presença de um rio, um lago ou outro elemento geográfico relevante para a vida do lugar. Este quadro paisagístico modela-se ainda pelas múltiplas apropriações funcionais do espaço, com expressões variáveis em dimensão e escala como as vias de comunicação, as materialidades e os ambientes derivadas da exploração de recursos naturais ou da expansão do espaço edificado, num complexo nem sempre harmonioso que implica algum ordenamento. A estas expressões funcionais associam-se as referidas dimensões ideológico-simbólicas que, através de geossímbolos de representação, conferem espessura narrativa a uma paisagem sistémica marcada, no seu conjunto, pelos ritmos de mudança e pelo sempre inconstante balanço entre a inovação e a conservação. A paisagem mais que um quadro estético e, na aparência, estático, é uma realidade com espessura multidimensional em mudan-

ça. Noutro sentido, a análise de uma paisagem e a sua associação a um lugar implica a abertura da focalização a outros contextos espaciais e à integração vertical das escalas geográficas. O que se observa e procura descodificar quase nunca depende em exclusivo de fatores de filiação local. A paisagem é a resultante inconstante e dinâmica da intervenção de múltiplos actores territorializados em diferentes tempos através de múltiplas escalas geográficas de influência. Uma paisagem não traduz o local mas uma síntese complexa entre elementos de filiação *in situ* e outros de influências múltiplas que vão do regional ao global, passando pela escala nacional, considerando o Estado-Nação como um importante modelador dos quadros espaciais que se organizam dentro das respetivas fronteiras, também estas quase sempre voláteis, transitórias e contestadas (LOWENTHAL, 1994). Para Ferrão (2001), na dialética entre o local e o global - escalas que, na verdade não se opõem mas se plasmam na mesma paisagem, balança-se entre dois extremos: o *localismo globofóbico* e a *globalização uniformizadora*. Ambas incorrem em riscos e derivam de contextos radicalizados na relação de cada lugar com o exterior. O primeiro conceito reflete o local muralhado que se encerra ao desconhecido, que se protege perante os fluxos que não se controlam nem se conhecem bem. O segundo refere-se ao contexto geográfico que se desvirtua e dilui perante o exógeno, perdendo os valores de distinção num mundo que se tornaria assim mais simplificado e homogéneo. É neste balanço que se discutem a inovação e a conservação, o que se muda mas também os elementos espaciais ou as paisagens que se conservam. É também no âmbito deste debate que se reconhece a paisagem como um valor identitário e um património, tal como se expressa em documentos como a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural assumida pela Unesco em 1972, ou a Convenção Europeia da Paisagem, adotada pelo Conselho da Europa em 2000.

Ainda que salvaguardando as diferentes perspetivas epistemológicas que se envolvem na análise de conteúdo da paisagem, continua a ser imprescindível o calcorrear do solo e a proximidade com o objeto de estudo. Segundo Baker (2007) são vários os caminhos para o contacto com um lugar e conseqüente percepção e construção da imagem do mesmo. Primeiro, as mensagens informais, o modo como se representa esse lugar que, com mais ou menos passividade e escasso controlo local, é objeto e conteúdo de meios de (re) construção de imagens como a comunicação social, o cinema, a fotografia ou a literatura, num conjunto intertextual de códigos de linguagem, meios e instrumentos de di-

vilgação que, sobretudo na era digital, vão deixando rasto e, em muitos casos, alimentando estereótipos. Segundo, o mesmo autor refere-se às estratégias formais e pró-ativas de marketing territorial. Um lugar (re) modela a sua imagem controlando os conteúdos, organizando uma estratégia de valorização, estudando perspetivas e mensagens, instrumentalizando canais de comunicação. Contudo, para Baker (2007) são as experiências pessoais as que deixam um rasto mais efetivo e duradouro na perceção de um lugar. Serve isto para o marketing territorial mas também para o estudo do espaço geográfico e das suas paisagens. A leitura multidimensional da paisagem não afasta o geógrafo do espaço mas exige dessa experiência uma leitura mais ampla e diversificada, multiplicando os pontos e os ângulos de observação, registando o visível no que tem de material mas também no que representa enquanto simbólico ou multissensorial (GASPAR, 2001).

O presente texto resulta de uma convergência de experiências e formações: a do geógrafo envolvido nos olhares múltiplos sobre a paisagem e a do cidadão que tem vivido a cidade que agora se discute, participado no seu quotidiano e nos ritmos de mudança do lugar num ciclo temporal alargado que permite uma análise ao mesmo tempo distanciada mas também percebida e sentida. Deste contacto com o lugar resultam experiências muito diversificadas, consoante se pisam as ruas e se olham os pormenores ou se observa a paisagem à distância, num miradouro ou nalgum edifício que, numa posição geográfica privilegiada mas afastada do objeto de estudo, o apresenta no seu conjunto. Esta experiência muda consoante a velocidade e a duração dos percursos, mais velozes e fechados ou mais lentos e abertos à relação com o espaço envolvente.

Com estas experiências múltiplas percebem-se os elementos físico-ecológicos da paisagem mas também as inscrições humanas, e respetivas dimensões, formas e enquadramentos. Neste contacto, vivem-se os ritmos de mudança, a geodiversidade que acompanha as estações do ano, as flutuações no caudal do rio ou na cor das suas águas, mas também a que se vive no ciclo que varia entre o dia e a noite, mudanças periódicas que vão marcando o espaço, mas também outras modificações, incertas na ocorrência, quase sempre associadas a acontecimentos ocasionais. O mesmo se observa nos fluxos, ritmados e repetitivos alguns - os que ocorrem ao longo de um dia corrente nesta cidade mas também os que vão acontecendo, de modo mais ou menos repetitivo, noutros períodos temporais, como o regresso sazonal da emigração ou a chegada das colunas de peregrinos de Fátima. Estas

leituras vão decompondo o lugar, traçando a sua biografia, comparando-o com outros, destringendo o que persiste como local e o que resulta das relações com o exterior, seja este o de proximidade, seja o mais longínquo e descontínuo conjunto de territórios que, de um modo ou de outro, vão deixando rasto nesta paisagem. Assim se desvendam as trajetórias de um lugar, o grau variável de centralidade ou marginalização que viveu, as vocações que foi ganhando ou perdendo ao longo dos tempos (SHURMER-SMITH e SHURMER-SMITH, 2002). Pombal reflectirá muitas das mudanças e dos ciclos pelos quais passou Portugal. Contudo, aqui se descobrem especificidades, não fosse cada lugar detentor de uma atmosfera muito própria, fruto de particularidades que não se repetem. Afinal, cada cidade é única, por mais que não seja pelas condicionantes da respetiva localização geográfica.

Pombal - elementos estruturais da paisagem e trajetória do lugar

A análise da paisagem urbana de Pombal, das suas expressões funcionais e simbólicas, implica um percurso pelas etapas espaço-temporais que foram marcando a cidade e o espaço estruturado pela sede de concelho.

Cidade de baixa densidade, sede de concelho localizada entre as mais pujantes cidades de Coimbra e Leiria (e Figueira da Foz), Pombal faz parte dos lugares que, pela centralidade no município, foi ganhando alguma relevância.

Numa primeira leitura, destaca-se a matriz rural e agrícola do município, nas várzeas do Arunca e de afluentes como a ribeira de Carnide ou o rio Anços, que definem áreas pedológicas aluvionares férteis e fáceis de trabalhar. Mais para leste, esta ruralidade ajustou-se aos calcários e a uma geomorfologia cársica de terrenos mais agrestes, aqui e ali com depressões atapetadas por solos mais generosos que orientaram o povoamento na área serrana. Pombal é um lugar de transição entre diferentes unidades de paisagem, dos calcários mais acidentados a leste com serranias de mais difícil penetração, às topografias mais suaves a oeste, denunciando um litoral arenoso que se aproxima. Neste sentido, a sede de concelho articula diferentes geografias humanas: as que, a nascente, prolongam para sul as lógicas territoriais do maciço de Condeixa-Sicó-Alvaiázere (CUNHA, 2001) e as que, a poente, com uma topografia mais suave, estão marcadas por solos mais férteis sulcados por uma rede hidrográfica que flui

para o Mondego. Este enquadramento geográfico vai mantendo a atividade de agricultores que sustentam um pequeno mercado de produtos frescos que faz convergir para a cidade um fluxo agora mais envelhecido de produtores de proximidade, vestígio de uma época na qual a agricultura e a criação de gado eram a base da geoeconomia local.

Esta realidade inscreve-se numa paisagem florestal de pinheiro intercalada, como noutras áreas do país, com o eucalipto. A extensão florestal, assim como a localização geográfica e as vias de comunicação - como a ferrovia da Linha do Norte, a funcionar desde a segunda metade do século XIX, sustentaram um primeiro ciclo de desenvolvimento da indústria. A floresta suportou a criação de atividades transformadoras no setor das madeiras e da resina, um ciclo já finalizado que deixou vestígios paisagísticos na sede de concelho e arredores, como algumas chaminés, símbolos de um passado industrial que se intromete na cidade que agora se constrói.

Os recursos naturais impulsionaram o desenvolvimento de indústrias extrativas, como as que exploram areais e diversos tipos de argilas ou as que arrancam o calcário no maciço de Sicó. Esta actividade deixa marcas na paisagem, algumas destas visíveis no enquadramento paisagístico mas também na *soundscape* do espaço urbano, onde não se evitam os ruídos das frequentes explosões usadas para alargamento das áreas de exploração na vertente ocidental do maciço calcário.

O concelho foi também marcado por diferentes ciclos migratórios. Enquanto compensação do desequilíbrio entre os ritmos de acréscimo demográfico e os suportes económicos locais, a mobilidade espacial, seja interna e sazonal - para o Alentejo e a Borda-d'água ribatejana, seja externa e mais prolongada - para países de emigração como França ou Suíça, faz parte da matriz identitária do município e da cidade desde as primeiras décadas do século XX.

Deste concelho partiu mão-de-obra para as colheitas do arroz e do trigo no Ribatejo e no Alentejo, engrossando a coluna dos conhecidos Ratinhos da Beira, expressão geográfica de um país de densidades populacionais desequilibradas, com mais braços para trabalho a norte do Tejo e mais terras para laboração a sul, contraste importante num território durante muito tempo depende da economia primária.

Como se a mobilidade interna de ida e volta não compensasse o desequilíbrio entre demografia e economia, Pombal teve forte participação no ciclo emigratório português do pós (19)50, direcionado sobretudo para países europeus.

Esta mobilidade externa trouxe mudanças na estrutura socioprofissional. Ao contrário das migrações sazonais internas, que apenas deslocalizaram trabalhadores rurais, o agricultor que migrou reterritorializou-se em França ou na Suíça em setores económicos como a indústria, a construção civil, a hotelaria ou outros serviços urbanos de baixa qualificação.

A saída aliviou a pressão demográfica, deixou casas devolutas no espaço urbano e nos lugares envolventes e, sobretudo em Agosto, trouxe para a cidade um ambiente sonoro afrancesado de emigrantes que, nesta época do ano, regressam a casa mas, numa mal resolvida identidade de dupla pertença, afirmam a sua neo-filiação a alguma localidade francófona.

Na década de 80 ocorreu algum refluxo desta corrente migratória. Com o fim do ciclo laboral nos países de acolhimento e as expectativas de sucesso num Portugal expansionista que se terciarizou depois da adesão à Comunidade Europeia, alguns emigrantes regressaram de forma temporária ou definitiva. Este retorno marcou o ambiente geohumano da cidade e dos territórios do concelho e dinamizou a economia, na construção civil como em pequenos negócios, pastelarias ou restaurantes, quase sempre identificados por designações de evocação francesa, as que trazem o estatuto da diferença e do (aparente) cosmopolitismo de quem acaba de regressar do centro da Europa. O contra-fluxo emigratório povoou a *city-text* pombalense com neologismos de semântica alógena, encenando-se aqui o que se viu mais além, territorializando símbolos de afirmação social e moldando uma paisagem com novos elementos que se destacam pela forma, pelo cromatismo ou até pela dimensão. A espacialização do sucesso além-fronteiras concretiza-se também pela mais superlativa das expressões de segurança ontológica - a habitação. Assim se construíram residências de matriz alpina que, mesmo no interior do perímetro urbano, comprovassem o sucesso de emigrantes veículos da difusão de estilos arquitetónicos centro-europeus, no geral descontextualizados do espaço geográfico desta região. Aqui entram os materiais mas também o desenho do edificado, em inconformidade com o cromatismo da paisagem e com o clima regional, uma construção que, apesar de "anódina, feia, grotesca", pode ser considerada como a "verdadeira arquitectura popular" do fim do século passado (DIAS, 1992: 210). Para além deste registo *kitsch*, o exógeno também se imprime na paisagem pombalense pela arquitetura de autor. Antes do ciclo das edificações afrancesadas, Pombal integrou a geografia pessoal de Ernesto Korrodi, arquitecto de origem suíça que, em meados do século XX, deixou obra nesta e noutras cidades da região.

A territorialização *in situ* dos investimentos emigrantes foi uma etapa relevante na biografia recente deste território. Como compradores ou construtores, os capitais da emigração animaram o sector imobiliário e desenvolveram um *cluster* da construção civil. Este beneficiou do retorno de profissionais habilitados com técnicas aprendidas em França ou no Luxemburgo que, enquanto fatores de inovação, contribuíram para mudanças numa região até então dependente do sector primário. Assim ocorreu com a família que João Canijo filmou nos arredores de Paris em *Ganhar a Vida* (2001). Nesta representação de personagens-tipo, os emigrantes regressam e transportam uma nova tecnologia - a *chauffage central*, exemplo do que chegava de novo, símbolo da renovação, otimista no modo como fez acreditar no futuro, como se por fim Pombal acompanhasse o ritmo dos tempos.

Esta fase de (re)modelação da paisagem coexistiu, desde os anos (19)80, com o desenvolvimento de novos parques industriais, nalguns casos loteando solos anexos à área urbana. Estes sinalizam uma nova etapa na industrialização do concelho, uma atividade transformadora agora dissociada da silvicultura e de outros recursos naturais, aqui localizada sobretudo pela vantagem comparativa das novas acessibilidades, já não as ferroviárias mas as da centralidade rodoviária do concelho num dos mais dinâmicos corredores geohumanos do território português, entre as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto.

A adesão europeia iniciou um ciclo de modernização do país, em áreas como a cultura, a educação e o desporto, concretizado em Pombal com infraestruturas até então inexistentes, como a biblioteca e as piscinas municipais. Estas trouxeram arranjos urbanísticos que, inspirados nos princípios de um programa Polis que aqui não chegou, aumentaram as densidades de ocupação do leito de cheia e dos solos mais férteis, alterando as áreas de contacto da cidade com o rio, agora com margens requalificadas de visual mais modernizado e assético, com menos vegetação ripícola no trajeto urbano e, porventura, com caudais mais acelerados e difíceis de regular. Ainda assim, a nova estética em pouco alterou a territorialidade da maioria dos cidadãos. Notam-se mudanças - aqui e ali vão surgindo alguns (poucos) espaços de fruição do troço urbano do Arunca. Contudo, no geral a população circula indiferente ao seu rio - permanecem algumas barreiras que fragmentam as margens e, com as devidas exceções, são resistentes os hábitos dos que vêm esta linha de água como mais um obstáculo a atravessar e não como um novo espaço para desfrutar.

Foi no âmbito deste reordenamento que se procedeu à deslocalização de uma comunidade com residências anexas a uma das mais importantes vias que contornam Pombal - o Itinerário Complementar 2 (IC2), uma estrada perante a qual Pombal se expõe. Esta intervenção, e o posterior realojamento destas famílias num bairro social mais discreto mas, ainda assim, não muito longe dos olhares de quem circula entre o norte e o sul, procuraram salvaguardar o perfil da cidade com a requalificação de espaços muito visíveis para quem observa o centro urbano enquanto transita nesta rodovia. A primeira percepção que se tem de um lugar é marcante e condiciona a imagem que vai perdurar.

Na fase otimista de crescimento económico, ao longo dos anos 19(90), a exemplo do que ocorreu noutros lugares de pequena e média dimensão no território nacional, proliferaram os elementos visuais que acompanharam a difusão do número de agências bancárias e respetivas caixas multibanco, expressões visuais e paisagísticas de um capitalismo popular e de um ciclo geoeconómico expansionista assente no consumo.

Ao mesmo tempo, recupera-se a principal sala de espetáculos do concelho, o teatro-cine, espaço que foi sinal de progresso e que agora se abre para acontecimento variados mas, no geral, pouco cosmopolitas, uma vez que estão longe os circuitos da cultura erudita e das exposições mais dispendiosas, que exigem outros lugares e mais espetadores. Com efeito, esta paisagem não perdeu a matriz rural, aqui e ali denunciada pelo aparato agrário que circunda o mercado municipal e pelos estabelecimentos comerciais de alfaias agrícolas, sementes e derivados que, expostos no exterior, se impõem no espaço público e ocupam parte dos passeios pedonais.

Mais recentemente, com a desaceleração económica, as gruas, que sinalizam na paisagem a construção de novos edifícios, diminuíram e a cidade vive tempos de incertezas, sinónimos de uma indefinição estratégica de vocações. Esgotaram-se os ciclos pretéritos, reduzem-se os investimentos públicos, finalizou o ciclo dos capitais da emigração (com a exceção das periódicas transferências para pagamento de reformas) e diminuem os investimentos industriais e imobiliários. Os tempos são outros e abrem-se novas etapas na biografia do lugar, que retoma os caminhos da emigração e as cadeias de mobilidade do passado que não se chegaram a desmontar e se recuperam em momentos de maior indefinição. Assim se perspetiva o futuro de uma paisagem que foi registando as múltiplas etapas de um passado que deixou elementos materiais, alguns em

ruína, com graus muito diversificados de integração na cidade.

Em 2008, registaram-se 10031 residentes na área urbana. Em 2011, residiam no município 55183 efetivos (uma descida de 2% em relação a 2001) e 17274 na freguesia de Pombal, onde se insere a sede de concelho, valor que significa uma subida de 7,6% em relação a 2001 (INE, 2010 e 2011). Estes dados comprovam que, tal como noutras regiões, também em Pombal se verificou a concentração demográfica na sede concelhia. Apesar de uma estrutura de povoamento dispersa por diferentes núcleos populacionais - o município é constituído por 17 freguesias, cada uma, apesar da diversidade, quase sempre estruturada por redes débeis de lugares, tem-se verificado o reforço da centralidade local e supra-regional do centro urbano sede de concelho.

A paisagem urbana de Pombal, na forma como alargou a área construída, reflete esta polarização mas traduz também um fenómeno ocorrido nas cidades portuguesas desde a adesão europeia: a expansão urbanística ultrapassa a dinâmica demográfica, pelo que se construiu muito para além do que os valores da evolução populacional justificariam. Deste modo, os limites urbanos diluíram-se e criaram frentes de periurbanização no encontro da cidade com o rural de proximidade, facto visível sobretudo na expansão da malha urbana para oeste, ultrapassadas a partir dos anos 80 as barreiras que confinaram o alargamento do construído nesta direcção, em concreto o alinhamento paralelo de três vias estruturais - a Linha ferroviária do norte, o rio Arunca e o actual IC2. O desnivelamento dos fluxos, por túnel e ponte, estendeu os horizontes de expansão e alterou o padrão espacial da área urbana. Este alargamento levou à fragmentação estética e funcional entre um centro histórico com sinais de envelhecimento e despovoamento, sobretudo noturno, e os novos espaços de habitação, os que de facto têm levado à descentralização da cidade e à urbanização de solos rústicos. Daqui resulta um perímetro urbano heterogéneo, ainda com espaços devolutos expectantes com localização próxima ao centro compacto numa cidade híbrida que se espalha sem se consolidar.

Um dos traços de uma cidade é a silhueta (*skyline*), o mais (re) conhecido perfil de cada lugar. Quase sempre marcado pela verticalidade e por elementos que se impõem na estética da paisagem, esta linha é um fator de identidade. Nalguns casos, pode representar a imposição de determinados poderes ou constituir um elemento relevante nas estratégias de (re) criação da imagem no marketing territorial dos espaços urbanos (WILLIS, 1995). Apesar de distante, em escala e conteú-

do, dos contornos urbanos das metrópoles do modelo norte-americano de cidade (exemplares nesta matéria), no caso de Pombal o perfil reflete o que ocorre em lugares de sopé. O mais conhecido enquadramento da cidade, o que se observa de ponte para nascente, com o foco de observação algures na encosta ocidental que ladeia o vale fluvial, revela um *skyline* duplo: uma primeira linha modelada pelo castelo, pela encosta que desliza até ao vale do Arunca e por um alinhamento suave de colinas adjacentes; num plano secundário, sobressai um perfil marcado pelas cotas mais elevadas da serra de Sicó que se avista desde a cidade, esventrada por uma pedreira e com cumeadas agora coroadas por uma dezena de aerogeradores que sobressaem num concelho que também aderiu ao ciclo das energias renováveis (Figura 1).



Figura 1
Skyline de Pombal, observado desde ponte.

Não sendo estático - a progressão urbana cria novas perspectivas de visualização da cidade, registadas a partir de outros pontos de observação menos reconhecidos, este perfil duplo mostra alguns dos elementos estruturantes deste espaço urbano: o rio, as rodo-ferrovias, a serra de Sicó e o castelo. O futuro da cidade e respetiva estruturação espacial depende em muito do modo como se ordenarem e se integrarem estes elementos espaciais na malha construída e na vida urbana. O castelo, enquadrando a cidade e, porventura, um dos principais factores para a sua génese e desenvolvimento, constitui a presença visual mais forte e omnipresente nesta *cityscape*. Datado do século XII e restaurado durante o Estado Novo, é a testemunha visual de um passado de conflitos e posição estratégica numa fronteira flutuante e difusa na época de consolidação política do país.

Há muito associado ao movimento, posicionado como lugar de vale e de trânsito, a Pombal afluem os peregrinos de Fátima, onde é usual fazerem uma para-

gem retemperadora. Território de passagem da Estrada Real, que antes rompia o aglomerado, esta é um geossímbolo linear quase esquecido ainda que agora reavivado numa ponte urbana entretanto recuperada e reintegrada no quotidiano da cidade, vocacionada agora para trajetos mais curtos e locais, que os percursos de longa distância foram desviados para infraestruturas mais rápidas e periféricas ao centro urbano. Este facto não impede que a cidade continue atravessada por fluxos rodoviários que, em trajetos locais e com alguma regularidade ao longo dos dias úteis, dão a Pombal uma densidade de tráfego que a dimensão e a dinâmica da cidade não justifica.

Entretanto, esta é uma cidade de múltiplas territorialidades e de uma galeria de personagens, como o residente, natural ou não de Pombal, que trabalha ou estuda neste mesmo concelho ou, pelo contrário, se acrescenta à coluna de *commuters* para cidades como Leiria, Figueira da Foz ou Coimbra; o ativo que, em cada dia, chega a Pombal por razões profissionais; o visitante e os escassos turistas que aqui se dirigem para algum dos raros eventos de impacto supra-regional ou para consumo do património turístico da região; o emigrante que regressou em definitivo à cidade e investiu nalgum negócio comercial ou outro emigrante que, num retorno sazonal, contribui para o aumento da densidade populacional em Agosto ou por alturas das principais festas da cidade, em Julho, quando se inauguram pequenas obras de beneficiação e se dá vida ao jato de água que, do Arunca, nos recorda idêntico efeito em Genebra - território de onde regressam, na época, muitos naturais do concelho; o residente nalguma freguesia rural do município que todas as semanas converge para a sede de concelho, para ali vender algum produto hortícola no mercado municipal ou para, no geral na segunda-feira, resolver algum assunto pendente em serviços bancários ou nas repartições de finanças. A este conjunto de personagens juntaram-se, desde inícios da década de 19(90), imigrantes que foram chegando à cidade, em fluxos sucessivos provenientes de áreas geográficas como a Ucrânia, o Brasil ou a China. Se bem que, em especial no primeiro caso, esse volume de imigração tenha diminuído, a paisagem urbana vai encenando lugares de origem e denunciando a sua presença por fachadas de estabelecimentos comerciais que colocam no mercado local produtos e conceitos de consumo com origem na América Latina, na Europa de Leste ou, neste caso com uma rede mais densa de superfícies comerciais com localização central na cidade, algures no extremo asiático. Por aqui se vêem dragões vermelhos, bandeiras verde-amarelas ou outras que,

vindas do leste europeu, se expõem quando alguma seleção ou clube de futebol entram em qualquer campo transmitido em direto pela televisão. Aqui, neste espaço urbano, juntam-se personagens múltiplas, com diferentes graus de envolvimento com o lugar e sentidos de pertença muito diferentes mas que não fazem deste centro urbano, longe disso, um lugar cosmopolita.

Enquanto espaço geográfico de encontro de múltiplas territorialidades, Pombal reflete a cadência dos tempos que a sua paisagem vai registando pela materialidade mas também pelos simbolismos de representação, como se discutirá de seguida.

A paisagem urbana simbólica- perspectiva a partir da arte pública

O espaço urbano público não ficou indiferente à trajetória de Pombal. A paisagem tem acompanhado essa dinâmica através da representação geossimbólica de relações de poder e de opções políticas agora nem sempre compreensíveis mas que dão densidade narrativa a este espaço geográfico. Entre esses geossímbolos encontram-se a toponímia, as inscrições murais ou objetos de arte como estátuas, bustos ou outros elementos expostos em espaços públicos e de livre acesso. Cada um destes elementos abre uma janela de interpretação para o que tem sido a apropriação simbólica, ideológica e política deste território, os seus percursos e a relação com outros espaços e escalas geográficas, como o Estado-Nação.

No interior do perímetro urbano, registam-se, em 2011, 16 objectos de arte pública. A leitura das representações territorializadas em espaço urbano pode começar pela localização. Tal como é comum, na cidade de Pombal estas peças de arte pública foram quase sempre colocadas em pontos centrais da área construída. Ainda assim, a sua distribuição espacial define um eixo longitudinal que se estende entre os sectores ocidental e oriental da cidade, articulado por um núcleo central onde é maior a densidade deste elementos de celebração (Figura 2).

De uma forma geral, a localização geográfica destas representações pode ocorrer *in situ*, isto é, num espaço de modo direto associado à ocorrência ou à personagem representada, ou *ex situ*, num qualquer outro lugar que se elegeu para o efeito. Neste caso, tanto se associam esses espaços a evocações não localizáveis e/ou abstratas (valores como a liberdade ou a paz, por exemplo), como se fazem evocações deslocalizadas, isto é, comemorando-se aqui o que ocorreu num ou-

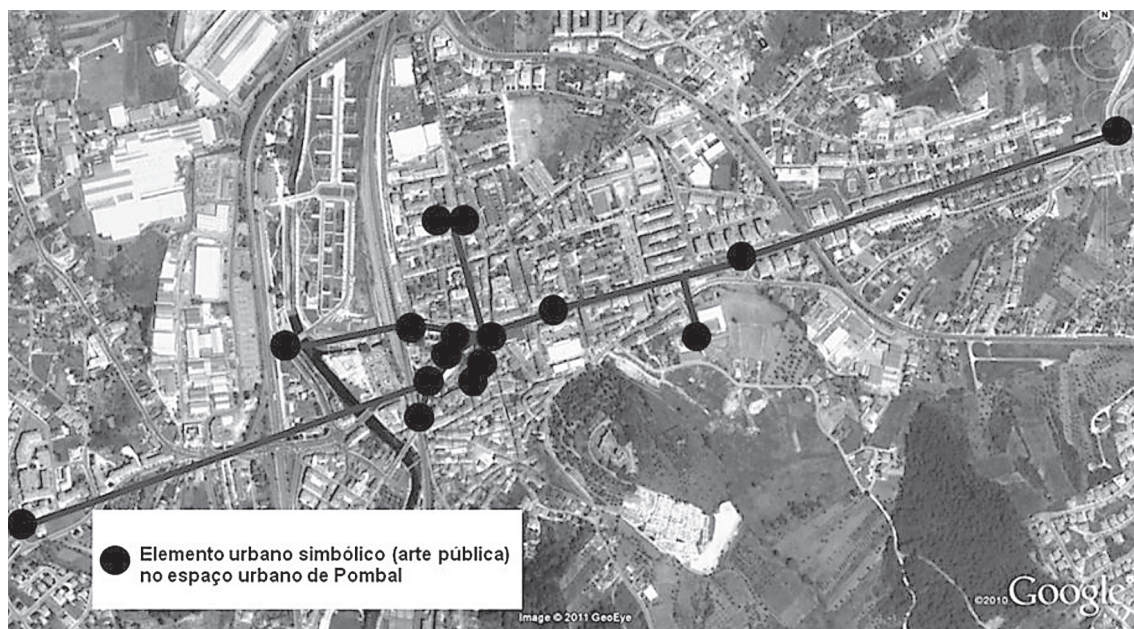


Figura 2
Eixo simbólico no espaço público de Pombal (adaptado a partir de Google Earth).

tro ponto geográfico (como uma batalha). Esta escolha responde a múltiplos critérios, como a tentativa de dar espessura simbólica a espaços devolutos ou construídos por via da expansão de infraestruturas, como as linhas de transportes (como ocorre com a apropriação simbólica e estética do centro das rotundas) ou ainda, na maior parte dos casos, pelo interesse em colocar símbolos de representação em pontos focais já consolidados, com maiores acessibilidades e centralidade e, por isso, potencialmente observáveis por um maior número de transeuntes. Por um lado, esta distribuição espacial acompanha o ritmo de expansão da malha urbana e, por outro, concentra estes geossímbolos no núcleo que já reúne algumas instituições de poder, como a autarquia ou os espaços religiosos mais importantes.

No que ao conteúdo diz respeito, muita desta simbologia comemora tempos, momentos ou personagens pretéritos, numa celebração do passado e das suas personagens que resulta de um exercício seletivo que depende de quem, ao longo do tempo, vai detendo o poder. Num dos extremos do eixo geossimbólico de Pombal, posicionado numa rotunda de construção recente, representa-se o passado agrícola da região, matriz que ainda marca o ambiente socio-cultural do município e da sede de concelho. Mais próximo do centro simbólico e funcional da cidade, celebra-se outra das matrizes identitárias do concelho - a emigração. Também numa rotunda, aqui se evoca um ciclo de mobilidade espacial

que continua a marcar o ritmo da cidade e estruturou uma diáspora pombalense com importantes vértices noutros países europeus. No extremo ocidental deste eixo, também numa rotunda desenhada numa área de expansão recente do espaço urbano, homenageia-se a geminação de Pombal com a cidade francesa de Biscarrosse, uma associação nascida da rede emigratória celebrada também por uma outra peça evocativa posicionada num espaço requalificado do centro da cidade. Para completar o conjunto de geossímbolos que refletem a trajetória do lugar, refira-se um outro elemento espacial, este localizado fora do perímetro urbano, que celebra o surto de industrialização e expansão imobiliária que, nas duas décadas finais do século XX, marcaram a cidade e o concelho - a estátua do Comendador Manuel da Mota, no Parque Industrial do mesmo nome. Esta representação completa uma trilogia (agricultura-emigração-industrialização) que orientou o percurso de Pombal desde meados do século passado.

Nesta *memoryscape* não surpreende a comemoração de momentos importantes para a história local (como a atribuição do foral) ou, na linha dos monumentos topobiográficos, a celebração de personalidades que, em diferentes contextos e por diversas razões, foram objeto de reconhecimento pelos conterrâneos. Ainda que esta memória se tenha perdido nas gerações mais recentes, assim se celebram nomes como Carlos Alberto da Mota Pinto, antigo primeiro-ministro (com

um busto colocado em 2011 frente à casa onde nasceu e residiu até à adolescência), o autarca Gomes dos Santos ou o médico Aníbal B. Paiva.

É nesta linha que se celebra o Marquês de Pombal, figura máxima da iconografia da cidade e do concelho. A evocação desta personagem histórica faz-se por elementos de arte pública isolados, como a primeira estátua do Marquês no país, localizada num espaço ajardinado do centro gravitacional da cidade. Da autoria de Ernesto Korrodi e nascida por subscrição pública, foi inaugurada em 1907. Já em 2010, foi colocada uma outra evocação do Primeiro-Ministro de D. José I, nas proximidades de uma rotunda que coroa uma nova artéria urbana, construída para servir os acessos a um estabelecimento comercial recente (Figura 3).



Figura 3

Alguns elementos representados na paisagem urbana de Pombal: o marquês, a emigração e um empreendedor imobiliário.

Na sede de concelho, a evocação do Marquês faz-se também pela patrimonialização de espaços associados a esta personagem, como uma prisão e um antigo celeiro, para além da ligação desta figura histórica a uma propriedade privada - a Quinta da Gramela, fora do perímetro urbano. Estes espaços patrimoniais constituem um polígono topobiográfico ao qual, no centro histórico, se tem procurado dar relevância e vida social, até agora sem resultados assinaláveis. A filiação dos lugares a personagens superlativas é uma opção na fileira turística das estratégias de marketing territorial de algumas cidades, como a associação de Lisboa a Pessoa ou de Barcelona a Gaudi, centros urbanos, é certo, de outra dimensão e ranking, mas que territorializam um conteúdo também apontado no Plano Estratégico de Pombal como uma potencialidade a desenvolver. Mesmo considerando o risco dos lugares serem absorvidos por ícones que os possam moldar a uma imagem estereotipada, este caminho tem, no caso de Pombal, escassa concretização.

É nesta linha de evocação de traços identitários locais e de uma certa endogeneização destas celebrações que, em 2001, se inaugura o monumento ao bom-

beiro, numa associação deste ator ao contexto florestal do concelho e respetiva exposição ao risco de incêndio florestal. Nesta construção simbólica do espaço público, mesmo com a relevância dos ciclos emigratórios, são escassas as referências a pontes com o exterior que celebrem a participação da cidade em redes mais alargadas de contactos. Para além das citadas evocações da geminação com a cidade de Biscarrosse, assinala-se uma pequeno monumento com referência à rede Rotary Internacional, presente nesta cidade através do Rotary Clube de Pombal. Como noutros lugares portugueses, abundam as narrativas de filiação às memórias do país, com referências ao 25 Abril, à Liberdade, aos Combatentes na Guerra do Ultramar e aos Descobrimentos, num conjunto de representações que associam o local ao Estado, reforçando a identidade nacional por via da paisagem urbana que assim se torna política e ideológica.

Em traços gerais, este conjunto urbano traduz a matriz geossimbólica de grande parte dos lugares com posição similar na hierarquia da rede urbana nacional. Nesta paisagem de representações deteta-se a associação, quase sempre datada, a espaços políticos mais vastos, como o Estado-Nação ou o Império; regista-se a tentativa de registo de algumas das principais etapas de vida do lugar tal como a materialização do reforço de identidades endógenas por uma *memoryscape* de filiação local. Nota-se, contudo, a ausência de iniciativas arrojadas e inovadoras de representações mais encriptadas, transversais e interescolares e são estas que, sobretudo em territórios menos conhecidos, deixam uma marca e ampliam a visibilidade, facto no entanto apenas ao alcance de lugares com níveis de inovação e criatividade difíceis de reunir em espaços com a dimensão e os percursos até agora percorridos por esta cidade e concelho.

Notas conclusivas

As trajetórias de um lugar, a forma como estas se expressam na paisagem e a análise de conteúdo desta última, considerando a multidimensionalidade e o dinamismo ao longo do tempo, é um exercício metodológico essencial para conhecimento do espaço geográfico. Esta sensibilidade para com o lugar, nos seus múltiplos matizes, é fundamental nas novas formas de abordagem das intervenções espaciais. Numa lógica de planeamento pós-funcionalista, privilegiam-se as políticas territorialistas, participadas, ascendentes e adaptadas a cada contexto espacial, daí a incontorná-

vel vantagem do conhecimento mais espesso de cada aglomerado humano.

Neste texto, discutiu-se a atualidade científica e estratégica da análise multidimensional da paisagem, agora vista como resultado de um conjunto de apropriações funcionais de natureza económica mas também de modelações simbólicas de representação que, pese a sua subjetividade, acabam por deixar rasto na paisagem observável e material.

A paisagem urbana aqui analisada não perdeu a matriz rural mas apresenta uma conjugação única de elementos que resultam da sua trajetória ao longo do tempo e dos ciclos geoeconómicos e geohumanos que, sobre um suporte ecológico e de localização muito particulares, moldaram o espaço geográfico que é hoje um quadro de vida de múltiplos agentes e personagens.

Esta trajetória, articulando o que se valorizou no passado e hoje pouco se reconhece e o ajustamento do lugar aos novos tempos, vislumbra-se em várias janelas de observação e análise. A paisagem simbólica desta cidade é o espelho da passagem do tempo, quer pela localização dos elementos visuais de representação, quer pelos conteúdos que veiculam. Neste ponto de vista, Pombal oscila entre as representações de filiação local, as que fazem desta cidade apenas mais um lugar de consolidação e promoção das narrativas do Estado-Nação e as evocações de abertura ao exterior, sobretudo as do ciclo emigratório. A vinculação da cidade e do concelho a uma personagem - Marquês de Pombal, persiste com estratégias pouco dinâmicas de patrimonialização. Nesta galeria geossimbólica faltam representações criativas mais inovadoras que projetem o espaço urbano noutras escalas e lhe confira maior centralidade. Este facto é sintoma, ao mesmo tempo, da (reduzida) dimensão da cidade e de uma caminhada que conduziu o lugar por localismos reforçados sem a abertura a um contexto espacial mais criativo. Talvez por isso, esta é uma cidade que apresenta, no exterior, uma imagem débil e pouco diversificada. Talvez esta visão difusa e estereotipada não faça justiça à real complexidade do lugar. Ainda assim, o reconhecimento desta relevância deve ser um ponto de partida para a efetiva discussão estratégica deste concelho, tendo em conta o passado mas também, sobretudo, o futuro.

Referências bibliográficas

- BAKER, B. (2007) - *Destination branding for small cities*. Creative Leap Books, Portland.
- CLAVAL, P. (1995) - *La Géographie Culturelle*. Nathan, Paris.
- CLAVAL, P. (1999) - "Los fundamentos actuales de la geografía cultural". *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, 34, pp. 25-40.
- CLAVAL, P. (2002) - "El enfoque cultural y las concepciones geográficas del espacio". *Boletín de la A.G.E.*, 34, pp. 21-39.
- CLAVAL, P. (2007) - "Changing conceptions of heritage and landscape". in N. MOORE, N e WHELAN, Y. (Ed.) - *Heritage, memory and the politics of identity. New perspectives on the cultural landscape*. Ashgate, Aldershot, pp. 85-93.
- COSGROVE, D. (1998) - *Social formation and symbolic landscape*; University of Wisconsin Press; Madison.
- CUNHA, L. (1990) - *As serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere - estudo de geomorfologia*. INIC, Lisboa.
- DIAS, M. G. (1992) - *Vida Moderna*. João Azevedo Editor, Lisboa.
- FERRÃO, J. (2003) - "Território, última fronteira de cidadania?". *Cadernos de Geografia*, número especial, pp. 9-12.
- FRÉMONT, A. (1980) - *A Região, Espaço Vivido*. Almedina, Coimbra.
- GASPAR, J. (2001) - "O retorno da paisagem à Geografia. Apontamentos místicos". *Finisterra*, XXXVI, pp. 83-99.
- INE (2010) - *Anuário Estatístico da Região Centro 2009*; Lisboa.
- INE (2011) - *Censo de 2011 (resultados preliminares)* (2011); in www.ine.pt, consultado em 11 de Outubro.
- LOWENTHAHL, D. (1994) - "European and english landscapes as national symbols"; in D. Hooson (Ed.), *Geography and National Identity*; Blackwell; Oxford (pp.15-38).
- MITCHEL, W. J. T. (2002); *Landscape and power*; The University of Chicago Press; Chicago.
- PALONEN, E. (2008) - "The city-text in post-communist Budapest: street names, memorials, and the politics of commemoration"; *GeoJournal*, 73 (pp. 219-230).
- SALGUEIRO, T. B. (2001); "Paisagem e Geografia"; in *Finisterra*, XXXVI (pp.37-53).
- SHURMER-SMITH, L.; SHURMER-SMITH, P. (2002) - "Field observation: looking at Paris"; in P. Shurmer-Smith (Ed.) - *Doing Cultural Geography*; Sage; London (pp.165-175).
- STEINER, G. (2007); *A ideia de Europa*; Gradiva; Lisboa.
- TUAN, Y.-F. (1980); *Topofilia*; Difel; São Paulo.
- WILLIS, C. (1995) - *Form Follows Finance: Skyscrapers and Skylines in New York and Chicago*, Princeton Architectural; Pós-graduação; New York.